

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Táise Menezes Lopes

**“PRÔ, ONDE É PRA COPIAR?”: UM ESTUDO SOBRE AS APRENDIZAGENS  
NÃO FORMAIS DOS ALUNOS**

Porto Alegre

1. Sem 2012

Táise Menezes Lopes

**“PRÔ, ONDE É PRA COPIAR?”: UM ESTUDO SOBRE AS APRENDIZAGENS  
NÃO FORMAIS DOS ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Orientadora:** Profa. Dra. Clarice Salete Traversini

Porto Alegre

1. Sem 2012

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos aqueles que, de algum modo, contribuíram para a construção deste trabalho e da minha caminhada. Agradeço em especial...

A Deus que iluminou meu caminho e me deu forças para alcançar meu objetivo.

À minha orientadora Clarice Salette Traversini pela dedicação, apoio e credibilidade conferida a mim. Obrigada pelo incentivo e segurança bem como pelas sábias palavras e brilhantes ideias a mim transmitidas nas nossas reuniões.

Aos meus pais que caminharam ao meu lado durante toda essa trajetória compreendendo minhas ausências e me fazendo alvo do seu amor incondicional. Essa conquista também é de vocês!

Aquele que, durante o curso, foi meu namorado, noivo e hoje é meu marido, meu especial agradecimento por ter acreditado no meu potencial, pelas palavras de incentivo, e principalmente por suportar meus momentos de instabilidade e abalo emocional. Obrigada por ter me escolhido como tua parceira. Te amo!

Às queridas colegas que conheci na Universidade, principalmente aquelas e que percorreram esse caminho ao meu lado compartilhando das mesmas alegrias, tristezas e anseios: Camila, Gabi, Paulinha e Jaci.

À equipe diretiva e aos colegas da escola onde trabalho que me deram apoio e incentivo durante meu percurso na UFRGS.

Aos professores que fizeram parte desta minha primeira trajetória pela UFRGS. Seus ensinamentos me acompanharão por toda a vida! Meu desejo de retornar a aperfeiçoar meus estudos em parte se deu pelo ensino de qualidade que deles recebi.

Aos meus queridos alunos que tornam este trabalho possível e pelas tardes felizes e divertidas que compartilho com eles.

*Tudo que nos é familiar tende a ser visto como natural; quando isso ocorre, naturalizamos os que nos rodeia, os contatos e as relações que mantemos com o que nos cerca, como se sua experiência fosse resultado da espontaneidade, como se sempre tivesse existido e, inevitavelmente, tivesse de existir. Esse modo de ser penetra em nossas vidas, dá sentido ao modo de entendermos e de nos representarmos no mundo cotidiano, isso é dá conteúdo a nosso senso comum.*

**José Gimeno Sacristán**

## RESUMO

A presente pesquisa tem como foco de estudo as aprendizagens não formais dos alunos relacionadas ao uso dos artefatos escolares no espaço escolar. Tem como objetivo analisar como os alunos se relacionam com seus artefatos escolares em sala de aula. O estudo se aproxima do campo dos Estudos Culturais e tem como principais autores Alfredo Veiga Neto, Cristianne M. Famer Rocha, José Gimeno Sacristán e Maria Luisa M. Xavier. Caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa e de inspiração etnográfica, pois foram realizadas observações e conversas com os alunos. Os sujeitos pesquisados foram os alunos de uma turma de 2º ano de uma escola municipal da região metropolitana de Porto Alegre/RS. A partir do material empírico foi possível constatar: a) os alunos, ainda que não familiarizados com a organização dos seus artefatos escolares, buscam solucionar problemas a eles relacionados, de modo a irem se adequando ao tempo e ao espaço, fazendo tentativas de acordo com a lógica infantil e as combinações da professora; b) Nos relatos é recorrente a ideia de que organização da sala influencia a própria organização do aluno. Em síntese, considera-se que seria produtivo visibilizar o espaço escolar em sala de aula como conteúdo escolar para que os alunos se familiarizem com as rotinas da organização escolar. Igualmente, nos Anos Iniciais, infere-se que o professor exerce um papel fundamental no sentido de inserir as crianças em novos códigos escolares para assim se constituírem como alunos.

**Palavras-chave:** Constituição do Sujeito-Aluno. Aprendizagens não formais. Artefatos escolares.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Ambiente Organizado.....	15
FIGURA 2 – Ambiente Desorganizado.....	16

## SUMÁRIO

<b>1 SITUANDO O LEITOR: DO MEU INTERESSE PELO TEMA.....</b>	<b>08</b>
1.1 Questão da pesquisa Justificativa, e Objetivo.....	09
1.2 Organização do trabalho.....	11
<b>2 OS CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....</b>	<b>13</b>
<b>3 ALUNO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL, ESPAÇO(S) E ARTEFATOS ESCOLARES.....</b>	<b>18</b>
3.1 O aluno...Uma construção social.....	19
3.2 Espaços escolares compreendendo seus significados.....	22
3.3 Artefatos escolares: delimitando e compreendendo o seu conceito para este estudo.....	23
<b>4 OS “ACHADOS” DA PESQUISA: SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO ALUNO NO ÂMBITO DA SALA DE AULA COM OS SEUS ARTEFATOS ESCOLARES.....</b>	<b>25</b>
4.1 Aversão à desordem.....	25
4.2 O chão como extensão da mesa: Sobre os excessos de materiais dos Alunos contemporâneos.....	28
4.3 O caderno escolar como um artefato escolar de destaque.....	33
4.4 <i>Prô, eu já sei fazer sozinho</i> : Alunos já familiarizados com as práticas escolares.....	37
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>41</b>

## 1 SITUANDO O LEITOR: MEU INTERESSE PELO TEMA DESTE ESTUDO

Iniciei meus estudos na área da Educação no ano de 2003 quando ingressei no Curso Normal<sup>1</sup> na cidade de Canoas/RS. Ainda que muito nova e inexperiente neste campo me interessei pelos temas abordados em aula bem como pelas práticas pedagógicas que realizávamos.

A realização do estágio obrigatório do curso foi a primeira de muitas experiências que venho vivendo como docente. Além de ser o marco inicial da minha trajetória como educadora, ele tem um significado de primeiro momento contínuo de imersão à prática pedagógica.

No ano de 2007 meu estágio se efetivou em uma escola da cidade onde realizei o curso e a turma disponibilizada para essa prática foi uma Segunda Série. Por cerca de cinco meses pude fazer diversas reflexões acerca do fazer docente e assim me vi compreendendo a complexidade do trabalho pedagógico.

Após o ingresso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) fui nomeada em uma escola em Alvorada/RS onde trabalhei por um ano como professora titular. Nessa segunda escola de atuação tive por turma um Terceiro Ano. Até esse momento minhas experiências eram com turmas de alunos “maiores” e, eu diria, alunos já familiarizados com a escola.

No ano seguinte fui novamente nomeada em outro município da Região Metropolitana de Porto Alegre. Quando cheguei à nova escola, onde trabalho até os dias atuais, deparei-me com a notícia de que minha turma de atuação seria um Segundo Ano<sup>2</sup>. Fiquei receosa, pois possuía muitas inquietações e inseguranças com respeito ao período de alfabetização e aos primeiros contatos das crianças com a escola.

Foi uma experiência totalmente diferente das vividas anteriormente, pois até então os menores alunos que eu tivera tinham cerca de 8 anos. Foi no decorrer do trabalho que percebi que esses alunos ainda não eram familiarizados com algumas práticas escolares como tais como copiar do quadro sozinho (sem auxílio da professora), organizar a data no caderno, pular de página quando a mesma acabava, colar um bilhete na agenda ou saber como organizar seus materiais.

---

<sup>1</sup>Curso que capacita os alunos a lecionarem desde a Educação Infantil até o Quinto Ano dos Anos Iniciais.

<sup>2</sup> O Primeiro e o Segundo Ano dos Anos Iniciais compõem, na escola onde leciono, o período de alfabetização.

Confesso que até fiquei assustada. Nesse momento eu ainda não tinha contato com autores que contemplam essas temáticas nos seus escritos.

Fazem três anos que venho trabalhando com alunos do Segundo Ano e desde a minha chegada a essa escola fui percebendo que a falta de familiaridade com essas práticas de sala de aula não era exclusiva da turma com que trabalhei naquele primeiro ano na escola, mas sim um processo de construção do sujeito-aluno.

Enquanto trabalhei com turmas de “maiores” não havia me dado conta de que esses conhecimentos foram apreendidos em algum momento da vida e que certamente esse momento fora ao entrar na escola. Sendo assim, no início do período letivo eu precisaria trabalhar essas questões “organizacionais” em sala de aula de modo que os alunos compreendessem, dominassem essas regras de uso do espaço escolar e fossem se adequando ao dia a dia da sala de aula.

Considerando essas aprendizagens não formais de extrema importância no processo de construção do aluno, já que são através do domínio delas que os sujeitos se tornam, de certo modo, autônomos, decidi, com o apoio da minha orientadora Clarice Salete Traversini, estudar essa temática.

### **1.1 Questão da pesquisa Justificativa, e objetivo**

Considero que essas novas aprendizagens escolares, que se dão na medida em que os alunos se inserem na atmosfera educacional, podem ser denominadas como de não formais, justamente por não fazerem parte da lista de conteúdos programáticos estabelecida pelas escolas para cada série ou ano no início de cada período letivo.

A presente pesquisa tem como questão central: Como os alunos aprendem a organizar e usar seus artefatos escolares no âmbito da sala de aula? sendo que o objetivo é: Analisar como os alunos se relacionam com seus artefatos escolares em sala de aula.

Após mostrar como se deu meu estranhamento inicial e interesse pelo tema da pesquisa ressalto que, em minha visão, este trabalho pode contribuir para os estudos de outros professores que assim como eu não havia se dado conta desse processo que faz parte da inserção das crianças em novos códigos escolares. Também penso que este trabalho possa instigar outros professores a pensarem

neste tema, pois os primeiros contatos da criança com a escola regular são repletos vivências interessantes de serem analisadas.

A Epígrafe de José Gimeno Sacristán (2005) que compõem parte deste trabalho me inspirou a analisar a organização dos alunos com seus artefatos escolares de modo a entendê-los como não naturais, mas sim como uma construção histórica e cultural. Desta forma percebo a necessidade de ensinar as crianças a serem alunos a usarem as coisas que nos parecem simples (como cadernos, quadro, lápis de cor, etc.). O “domínio” destes artefatos, ainda que nos pareça natural, não é.

É visível a importância desses conhecimentos não formais tanto para o aluno quanto para o desenvolvimento da aula de maneira mais prática. Afirmo isso, pois a familiarização com essas regras torna os alunos menos dependentes da professora e, por conseguinte, possibilita uma maior autonomia das crianças.

Ao longo desses quase três anos venho presenciando uma série de cenas e falas que me servem de parâmetro para saber onde eu preciso intervir/investir enquanto docente. Tais como:

- Ao terminar uma atividade no quadro me sento para fazer a chamada e a aluna M me fala baixinho: *“Prô, acabô a folha o que eu faço?”* O aluno fica aguardando a professora sem saber o que fazer.
- Ao solicitar que um bilhete seja colado na agenda o aluno V despeja a cola por cima do bilhete e “meleca” todo o seu caderno, o aluno olha para a professora com a expressão de que fez algo errado e solicita ajuda, pois percebe que não poderá fechar o caderno. A professora solicita autorização para a retirada da folha. Entrega um novo bilhete para o aluno e mostra a nova página onde o mesmo deve ser colado.
- Mostra como dobrá-lo para que o mesmo caiba na folha e coloca os quatro pingos de cola nos cantos do bilhete. A mesma explica que quando for necessário colar algo no caderno ou agenda deve usar apenas quatro pingos de cola. Desta maneira evitará novos acidentes.
- *Onde é que eu pulo a linha?* (frase recorrente na sala de aula)

Tanto as escolas como alguns professores se mostram muito interessados nas aprendizagens mais conceituais/formais: ler, escrever, somar, diminuir, enfim. Percebi que não seriam só os conhecimentos conceituais o foco do trabalho com o Segundo Ano, mas também os não formais justamente pelo fato de os alunos ainda precisarem de mais intervenções para se organizarem no espaço escolar.

Venho percebendo como é fundamental que o professor tenha clareza do que os seus alunos dominam, em termos de organização do espaço, tempo e materiais escolares, e o que precisam aprender. É necessário que se invista tempo no que ainda não é sabido e não no que eles já dominam afinal, os alunos precisam aprender novos conhecimentos e não ficar na repetição do que eles já compreenderam. Portanto um período de sondagem, onde é feito um levantamento dos conhecimentos dos alunos no início do ano letivo é interessante para que se tenha um ponto de partida. Conforme surgirem outras necessidades, cabe ao professor trabalhá-las. Na escola onde leciono, o mês de março é dedicado exclusivamente a essa proposta de sondagem.

Percebi, através de uma busca por fontes, que há diversas produções que contemplam a temática de organização em sala de aula. Algumas focam na questão da cultura material escolar tais como Laerthe de Moraes Abreu Junior e Adélia Carolina Bassi (2011), Dominique Júlia (2001) e Ana Chrystina Venancio Mignot (2010) outras sobre a disciplina do corpo na sala de aula e normas escolares tais como Cristiane Maria Famer Rocha (2000) e Bruna Giordani (2011). Todas essas leituras, de diferentes modos contribuem para a qualificação deste trabalho.

No entanto, ainda encontro poucos estudos que abordem mais especificamente pontos envolvidos com o meu problema de pesquisa. Tendo isso em vista busquei produzir este trabalho de maneira que o mesmo acrescente aos meus estudos como docente e que possibilitasse auxiliar outros professores nos mesmo anseios e dúvidas que eu tinha no momento em que iniciei este estudo.

## **1.2 Organização do trabalho**

Este trabalho é composto por uma introdução intitulada “Situando o leitor: Do meu interesse pelo tema”, onde apresento a perspectiva do mesmo, bem como os caminhos que trilhei até chegar ao meu interesse pelo tema. Uma primeira subseção onde apresento as minhas justificativas, questão central e objetivo da pesquisa. Uma

segunda subseção nomeada “Organização do trabalho” onde apresento sinteticamente como esse trabalho está subdividido.

O segundo capítulo se refere à metodologia da investigação que recebeu o nome de “Caminhos Investigativos” onde apresento os sujeitos envolvidos na pesquisa, a escola e a comunidade onde estão inseridos bem como os instrumentos que me auxiliaram na coleta de informações a serem analisadas.

No terceiro capítulo apresento os autores que fundamentaram este estudo bem como os principais conceitos defendidos por esses teóricos e que fiz uso neste escrito.

O quarto capítulo se refere às unidades de análises onde são discutidas as informações coletadas à luz dos autores e conceitos escolhidos. Ele está subdividido por quatro subseções sendo que a primeira recebeu o título “Aversão à desordem” onde nele são analisados os posicionamentos dos alunos quanto a sua repulsa pela desorganização. Uma segunda subseção intitulada “O chão como extensão da mesa: Sobre os excessos de materiais dos alunos contemporâneos” onde são problematizadas questões referentes ao excesso de artefatos escolares que os alunos trazem para a escola. Uma terceira subseção que tem como título “O caderno escolar como um artefato escolar de destaque” onde apresento os múltiplos sentidos que o caderno tem para os alunos e destaco algumas investidas dos mesmos na tentativa de se familiarizar com o uso dele. E por último a subseção: “*Prô, eu já sei fazer sozinho: Alunos já familiarizados com as práticas escolares*” Que trata da familiarização dos alunos com as práticas escolares que envolvem seus artefatos escolares.

No capítulo Considerações Finais retomo meus objetivos buscando apresentar os modos como eles foram cumpridos e trago algumas ideias de fechamento para esta pesquisa.

## 2 OS CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Para a efetivação deste trabalho realizei um estudo de caso que conforme LUDKE e ANDRÈ (1986, p. 18) é sempre bem delimitado. Como percebo no meu estudo certa singularidade o destaco como tal.

A escola onde a pesquisa se efetivou situa-se em um município da Região Metropolitana de Porto Alegre e oferece o Ensino Fundamental completo. Ela atende cerca de 600 alunos sendo principalmente os residentes do bairro onde a escola está estabelecida. ‘

A instituição possui uma boa aparência. É pintada, bem cuidada, tem um pátio organizado e conta com a presença de guarda na entrada. As salas de aula possuem ventiladores, cortinas que protegem os alunos das tardes com sol forte e armários. Possui Laboratório de Informática, Biblioteca, quadra e área coberta com palco. A escola possui rampas para alunos cadeirantes e banheiro adaptado para os mesmos.

O Bairro é um dos mais bem estruturados do município, dispendo de hospital, lojas, padarias, mercados e farmácias. No turno da tarde, turno em que atuo na escola como professora titular, grande parcela das crianças tem pais com uma situação financeira estável. Em sua maioria trabalham em indústrias - parte delas situadas no Distrito Industrial do município, comércio, prestação de serviços e também funcionários públicos.

Há uma participação considerável por parte das famílias na vida escolar dos alunos. A comunidade é atuante. Um dos fatos que contribui para ela ser o que é hoje é a colaboração dos responsáveis pelos alunos. Vários Orçamentos Participativos<sup>3</sup> foram ganhos através da atuação dos pais. A área coberta da escola foi uma dessas conquistas.

A escola tem cerca de 40 funcionários no turno da tarde. Dentre esses funcionários se encontram a equipe diretiva, secretaria, professores que atuam na turma efetivamente, professores que atuam nos setores, cozinheira, auxiliares de serviços gerais e vigia. A escola também conta com um professor substituto, que assume a turma do professor titular quando ele se ausenta.

---

<sup>3</sup> Momento onde os cidadãos escolhem através de votação a obra a ser realizada na sua comunidade.

Parte dos educandos que ingressam na escola frequentaram a Educação Infantil o que já confirma o contato dos mesmos com diversos materiais escolares tais como giz de cera, lápis, cola, tinta, etc. e também com práticas educativas.

Desde que iniciei meu trabalho como docente (em especial nessa escola, pois nela que tive minhas primeiras vivências com turmas de alfabetização) me questionava sobre as regras de organização de uso do espaço escolar. Por esse motivo e outros mencionados nos capítulos anteriores escolhi essa temática que, em minha opinião, merece uma maior visibilidade nos estudos da área da educação já que contribui na compreensão de como vão se dando essas construções dos sujeitos-alunos.

Por estar diariamente na escola e na sala de aula onde a pesquisa se efetivou e percebo minha investigação como de inspiração etnográfica que já que nesse tipo de abordagem o pesquisador se insere na cultura do pesquisado. Segundo LUDKE e ANDRÉ (1986, p. 15) “Qualquer tipo de pesquisa que desloca o indivíduo do seu ambiente natural está negando a influência dessas forças contextuais e em consequência deixa de compreender o estudo em sua totalidade”. Deste modo o local apropriado para uma pesquisa desta temática, em minha visão, é na escola.

Busquei justamente realizar meus estudos no ambiente natural dos alunos: a escola, a sala de aula. Somente nele eu poderia compreender a relação entre a organização, os espaços e os artefatos escolares. Tentar analisar esses pontos em separado do seu “locus natural” acarretaria na perda de importantes informações que fariam falta na composição final do trabalho.

Sobre a realização das observações com a turma pesquisada sirvo-me das palavras de LUDKE e ANDRÉ (1986, p.25) que afirmam que:

“Para que se tornem um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistematizada. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador. Planejar a observação significa delimitar com antecedência ‘o que’ e ‘como’ observar”.

Pensando nesse importante destaque dos autores quanto à delimitação do que observar exponho que realizei observações diárias das tentativas dos alunos de se apropriarem dos conhecimentos não formais, na busca de se familiarizarem com o “ser aluno”

Durante o mês de março fiz uso de um Diário de Campo onde registrava cenas ocorridas em salas de aula que iam ao encontro das minhas curiosidades e interesses sobre as regras de uso do espaço escolar.

Além das observações registradas no Diário de Campo, realizei conversas informais com os alunos da turma, durante o mês de março e abril, quanto as suas percepções sobre as regras de uso do espaço escolar. As conversas foram gravadas e posteriormente transcritas. Como ponto de partida para essas conversas informais fiz uso de duas imagens onde a primeira era de um espaço organizado e a segunda de um espaço desorganizado:



**Figura 1** – Ambiente Organizado

Fonte: Google Imagens. Disponível em:

<<http://carolinaalvimpsicopedagoga.blogspot.com.br/2012/01/guia-de-orientacao-para-professores.html>> Acesso em: 10 jul. 2012.



**Figura 2 – Ambiente Desorganizado**

Fonte: Google Imagens. Disponível em:

<<http://www.google.com.br/imgres?q=lugar+bagun%C3%A7ado&um=1&hl=pt-BR&sa=N&biw=1366&bih=673&tbm=isch&tbnid=EpNQtpwTXQbiMM:&imgrefurl=http://newserrado.com/2008/09/22/bne-de-casa-nova-e-baguncada/&docid=5EjLQa26lNkXaM&imgurl=http://newserrado.com/wp-content/uploads/2008/09/bagunca.gif&w=567&h=486&ei=EvT8T4fLOOWS6wGUpbTlBg&zoom=1&iact=hc&vpx=386&vpy=282&dur=320&hovh=208&hovw=243&tx=117&ty=72&sig=108915333677792807634&page=2&tbnh=150&tbnw=175&start=18&ndsp=24&ved=1t:429,r:13,s:18,i:172>> Acesso em: 10 jul. 2012.

Optei por fazer uso dessas duas imagens para poder oportunizar um momento informal entre pesquisador e pesquisados e assim tornar possível que os mesmos narrassem sobre a sua visão quanto à organização e a desorganização expostas nas imagens.

Ao atentar para a idade das crianças que iriam participar desta pesquisa optei por trabalhar com imagens polarizadas que fossem “extremas”, que uma fosse o oposto da outra para que as crianças pudessem compreender facilmente o que estava sendo proposto. As imagens foram pesquisadas na Internet.

Nessas conversas tentei compreender como os alunos percebem a questão da organização ou a falta dela. As conversas enriqueceram o trabalho, pois apoiada nelas pude compreender diferentes aspectos sobre essa lógica da organização infantil.

A partir desses diferentes métodos de coleta, observação seguida de sua transcrição no Diário de Campo e conversas informais com o uso de duas imagens, busco as informações necessárias para subsidiar minhas análises. Juntamente com as observações, Diário de Campo e conversas realizei diferentes leituras que subsidiaram teoricamente este trabalho.

### 3 ALUNO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL, ESPAÇO(S) E ARTEFATOS ESCOLARES

Pretendo, neste capítulo, definir alguns conceitos que percorrerão todo o trabalho. São eles: Aluno como construção social, os Espaços Escolares e os Artefatos Escolares. Percebi que os mesmos vêm sendo foco de discussões que não são novas, pois através de buscas por leituras que pudessem fundamentar este trabalho, me deparei com um repertório de autores que tratam essas temáticas.

Neste capítulo busquei expor os conceitos acima mencionados de modo que o leitor compreenda a perspectiva na qual se situa essa investigação. É importante destacar que nos estudos que realizei durante o curso me deparei com diferentes maneiras de realizar pesquisas. Proponho um estudo que se aproxima da perspectiva dos Estudos Culturais.

Para COSTA (2003 p. 37)

Os Estudos Culturais (EC) vão surgir em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados.

A partir do trazido por COSTA cito XAVIER (2003 p. 83) que se vale dos Estudos Culturais em seus escritos, e afirma que:

Sem se ligar a nenhuma tradição disciplinar tradicional, essa linha teórica utiliza, segundo Silva (1995), instrumentos de diferentes disciplinas (...) para estudar os mecanismos, as estratégias e as políticas de formação de identidade sociais, os regimes e os esquemas de representação dos diferentes grupos culturais e sociais e a dinâmica de funcionamento de artefatos culturais como o cinema, a televisão e as revistas.

Partido do trazido pelos autores anteriormente citados, destaco que busquei aproximar meu estudo desta linha teórica para compreender e analisar a relação entre os alunos e artefatos escolares dentro do espaço escolar de uma maneira crítica e reflexiva que considera a cultura na qual os alunos estão inseridos .

Para argumentar os posicionamentos assumidos neste Trabalho de Conclusão de Curso, optei por fundamentar meu trabalho em autores já estudados durante o curso de Pedagogia e também pesquisados para a escrita do TCC, tais como, ROCHA (2000), SACRISTÁN (2005), VEIGA NETO (2000) E XAVIER (2003).

### **3.1 O aluno...Uma construção social**

Tal como o sentimento de Infância veio sendo construído e modificado (ARIÉS,1981) a concepção de aluno também teve as suas construções e transformações ao longo da história. Nos primórdios da Idade Média o aluno era como um discípulo que acompanhava o professor e residia na sua casa. O aluno era tido como um protegido do mestre (SACRISTÁN, 2005). Esse tipo de educação não era oferecido à toda população , mas sim de exclusividade da Classe da Nobreza.

Séculos seguintes surgiram autores como La Salle e Comênius que vislumbravam o oferecimento da Educação à todos. Tais autores romperam com a tradição de uma educação para a elite que vinha até então sendo perdurada e mostraram-se debruçados à questão da educação para todos.

XAVIER (2003 p. 67) aponta que com o advento da modernidade as escolas vão tomando uma nova configuração. A autora afirma que esse novo papel é assumido durante o século XVIII com o nascimento da sociedade urbano-industrial, no início da instalação do capitalismo nos EUA e Europa com a influência dos ideais da Revolução Francesa. Nas palavras da autora:

A Revolução Francesa, ao desalojar a monarquia e o clero do poder e ao promover a ascensão da burguesia, com a colaboração da classe trabalhadora (inspirada nos ideais liberais de igualdade entre os homens), erige, num primeiro momento, a escola como uma instituição capaz de acolher a todos e dar condições aos mais capazes de ascender aos postos de comando da sociedade; ela torna-se a instituição responsável pela transformação do súdito em cidadão.

No Brasil, um dos principais objetivos da escola pública nas primeiras décadas do século XX foi a escolarização das camadas populares, no entanto só foram abarcados nessa ideia aqueles que pertencentes ao trabalho urbano, miseráveis e negros teriam ficado de fora. É por volta de 1920 que estes começam a reivindicar seu lugar na educação pública escolar. Ocorreu então o fenômeno da

escolarização em massa e em meio a esse palco histórico surge a obrigatoriedade escolar para o aluno.

É nesta perspectiva de educação Brasileira que Adélia Carolina Bassi (2011, p.4) esclarece que o objetivo da política educacional era de uniformizar as propostas de ensino. A autora afirma que “as escolas primárias foram conclamadas a servir à pátria e eram tidas como as grandes responsáveis pelo futuro do país”. Nesse período histórico era vislumbrada a propagação de um sentimento patriótico de modo a disseminar a valorização da nacionalidade. A autora ainda menciona as ideias de moralidade que permeavam a escola. BASSI (2011, p.4) afirma que:

O papel da moralidade se fazia imprescindível nas escolas públicas do país. Mesmo não se constituindo como programa educacional estruturado, o ensino da moral, no Estado Novo, se intensificou na medida em que o caráter autoritário do regime era definido.

Diferente de hoje, nem sempre a educação foi oportunizada a toda a população. Ao longo de nossa história tivemos avanços no sentido de garantir de educação a todos, desta forma a configuração de escola atual é resultado de diversas lutas. Hoje a frequência de uma criança em idade escolar (6 anos) em uma instituição de ensino é uma exigência e não uma opção. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (BRASIL 1996) Art. 4º é um dever do Estado a garantia do Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

Na sociedade contemporânea as crianças vêm se tornando alunos cada vez mais cedo. Se antes a mulher era a responsável por desempenhar um papel de cuidadora dos filhos hoje não é mais (ou não é a única). Na atualidade as famílias tendem a dividir essa responsabilidade com as creches ou Escolas de Educação Infantil já que a mãe trabalha fora de casa assim como o homem. Desde B2 (um dos modos de nomear as turmas de berçários das Creches ou Escolas de Educação Infantil) vemos os alunos chamando as “pôs e as pôfes” (professoras) e fazendo diferentes atividades propostas pelas docentes. É a partir dessa inserção na escola o aluno vai sendo subjetivado às rotinas, aos tempos, aos seus espaços e às práticas (institucionais ou educativas) e se constitui como sujeito-aluno.

Quando falo em aluno construo a imagem da minha sala de aula composta por 28 crianças, distintas em suas aparências, modo de agir e modo de aprender.

Essas crianças e hoje alunos vieram se constituindo como tal através de suas experiências, pois nem sempre foram alunos. Em um determinado momento de suas vidas chegaram a escola e foram se constituindo como tais.

Deste modo trago à discussão o pensamento de XAVIER (2003, p.96) de que “É preciso dar aula para quem não sabe ainda ser aluno e aluna e não está *naturalmente* disposto a fazer este papel”. A autora trata do sujeito aluno como alguém que não chega pronto à escola, mas vai se constituindo longo de suas experiências e deste modo percebo-o como uma categoria social.

O domínio das aprendizagens não formais, em minha visão, se caracteriza como um exemplo claro de que as crianças aprendem a serem alunos nas suas vivências escolares e no exercício das práticas pedagógicas oportunizadas pelos professores.

Desta forma as questões de organização dos alunos e também as questões de disciplina permeiam o cotidiano da sala de aula. Em sua tese XAVIER (2003) aponta as questões de disciplinaridade em seus dois eixos: corporal e cognitivo. Mesmo compreendendo que esses dois eixos se entrelaçam vou destacar, neste estudo, o eixo corporal.

XAVIER (2003, p. 96) aponta o fenômeno da questão disciplinar onde ocorre o chamado “apagamento da função disciplinar da instituição escolar nos documentos oficiais e nas falas dos professores”. A autora se refere ao “pouco realce dado às propostas do projeto moderno de construção de sujeitos autônomos, autorregulados, autodisciplinados”. E enfatiza (2003. p, 96):

Embora nos documentos oficiais haja, em geral, a referência à produção de cidadãos autônomos como meta da escola, isto não parece se concretizar em termos de propostas concretas de prática pedagógica. Não há admissão da existência de mecanismos de controle e regulação na escola. A questão disciplinar costuma causar desconforto para toda uma geração de professores e professoras comprometidas com propostas críticas, mais democráticas, de educação.

A autora ainda comenta que há uma preponderante preocupação com os “conteúdos” (os formais) em detrimento de outras dimensões dos alunos, como a comportamental por exemplo. A questão disciplinar ficaria, de certa forma, de lado das atenções do docente.

### 3.2 Espaços escolares compreendendo seus significados

No decorrer desta produção me dei conta que é difícil discutir a organização do espaço e dos artefatos escolares sem recorrer ao tempo, por isso inicio essa subseção trazendo alguns aspectos referentes ao tempo.

Veiga-Neto (2000, p.5) ao discutir o poder disciplinar menciona que para uma maior economia do mesmo é preciso que “o tempo em que se dão as experiências individuais siga uma ordenação”, seja particularizado onde o tempo vivido por alguém seja separado tanto do tempo físico quanto do tempo social. Ele afirma que essa separação não é natural, mas sim uma construção social, deste modo ele afirma que a percepção do tempo é “contingente”.

O autor ainda comenta que a escola faz com que o tempo dela seja fracionado, fragmentado: “No âmbito escolar e microscópico, isso é feito de uma maneira muito eficiente pelos horários os quais, além da repartição, ainda possibilitam tanto o controle minucioso e sem desperdícios sobre as ações quanto a repetição cíclica dessas ações.” (Veiga-Neto 2000, p. 5).

Quando o autor considera os maiores durações de tempo na escola afirma que “isso é feito principalmente pela seriação”. E continua

Numa escala intermediária, está a programação semanal ou mensal, cuja materialidade mais gritante se dá na agenda, esse cronograma que, especializando o tempo, tanto nos coloca quanto permite que coloquemos as crianças, desde cedo, num duplo aprisionamento. (p. 6)

Ao discutir as questões referentes ao espaço o mesmo autor afirma que ele “não se reduz a um simples cenário onde se inscreve e atua um corpo. Muito mais do que isso, é o próprio corpo que institui e organiza o espaço, enquanto o espaço dá um sentido ao corpo”. Deste modo o espaço escolar não se define pela sala de aula, mas por todo o seu contexto escolar. Dentro deste pensamento evoco as palavras de SACRISTÁN (2005, p. 144) que também contribui com seus escritos apontando sobre o espaço escolar:

formado por pátios onde esperar, manter a ordem de entrada, brincar, fazer esportes, passear, estar com os amigos, realizar excepcionalmente alguma festa (...). Há corredores nos quais se pode transitar com certo desembaraço, mas dentro de uma ordem. (...) A biblioteca se houver é um espaço de leitura, embora conheçamos casos em que ela é utilizada para isolar momentaneamente aqueles que perturbam a ordem da sala de aula. (...).

Destes autores que analisam o espaço remeto-me a ideia da sala de aula visto que é local onde as crianças permanecem mais tempo enquanto estão nas instituições escolares. Sobre a sala de aula SACRISTÁN (2005, p.144) descreve:

Nela se passa realmente o tempo, embora não seja o espaço mais confortável nem o que permite usos mais variados. Está repleto de mesas e cadeiras que preservam pouco mais de um metro quadrado por pessoa; um minúsculo território onde nem sempre uma pessoa se movimenta sem ser advertida.

A distribuição do espaço da sala de aula está intimamente ligada com a organização da mesma. Organizamos a sala de aula de acordo com os objetivos propostos para uma aula e resultados que esperamos ter. Por exemplo, usualmente a “minha sala de aula” fica distribuída por duplas, no entanto se no meu planejamento eu optar por uma atividade de expressão plástica que envolva tinta eu vou preferir deixar os alunos sentados em grupos de no máximo 5 alunos, pois o aproveitamento do espaço se tornará melhor, a forração de classes com jornais será mais simples, serão necessário 6 potes com água ao invés de 28, serão menos alunos levantando para ir ao banheiro trocar a água do pote.

Relaciono esta situação descrita com o pensamento de Veiga Neto (2000, p.3) que afirma “para que o poder atinja a todos da maneira mais minuciosa possível, é preciso que os corpos estejam distribuídos no espaço e que essa distribuição obedeça a uma lógica mais econômica”. Nesse sentido, enfatizo que é função do professor analisar de que maneira pode criar um ambiente organizado e facilitador de aprendizagens através do qual os alunos possam adquirir novos conhecimentos.

### **3.3 Artefatos escolares: delimitando e compreendendo o seu conceito para este estudo**

Neste estudo o conceito de artefato escolar não teve fundamentalmente as ideias de um teórico. Isso se deu pelo fato de eu ter encontrado poucos estudos sobre eles e porque esses poucos não abordavam especificamente do que eu buço tratar neste escrito. Sendo assim, foi buscado criar uma explicação que desse conta da minha visão sobre eles.

Compreendo um artefato escolar como sendo um objeto que possui um conjunto de significados por meio dos quais podemos compreender os modos de ensinar, de aprender e as práticas escolares vividas por alunos e professores em um determinado período histórico.

Englobam um vasto repertório de objetos que abarcam mobiliários, documentos e materiais diversos sendo que os mesmos compõem parte do espaço escolar. Penso que posso me servir do conceito de artefatos para a produção de estudos, pois eles favorecem o processo de investigação.

Entretanto, levando em consideração a proposta ao qual este estudo se debruça, que é sobre as aprendizagens não formais dos alunos, faço uso do termo artefatos escolares para definir os materiais de uso próprio dos estudantes tais como caderno, mochila, agenda, canetas, canetinhas, estojo, etc. Destaco meu posicionamento de me restringir a eles, pois os mesmos compõem o foco da investigação.

Saliento que preferi fazer uso do termo artefatos escolares ao invés de materiais escolares, pois o conceito de artefatos escolares carrega um sentido mais amplo que possibilita diferentes significados que o de materiais escolares. Penso que um material escolar possa ser considerado um artefato escolar, no entanto nem todos os artefatos escolares são materiais escolares.

## 4 OS “ACHADOS” DA PESQUISA: SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO ALUNO NO ÂMBITO DA SALA DE AULA COM OS SEUS ARTEFATOS ESCOLARES

Do material empírico coletado com a turma pesquisada busquei arquitetar um modo interessante de expor as cenas e as narrativas que presenciei a fim de torná-las componentes fundamentais deste capítulo. A partir da minha ideia de analisar a organização dos alunos com seus artefatos escolares em sala de aula criei subseções que pudessem evidenciar os meus achados e tomá-los como pontos de partida para minhas reflexões.

O conjunto dos instrumentos de pesquisa usados nessa investigação me deram a possibilidade de relatar o ambiente analisado de modo que o leitor pudesse visualizar, mesmo que através das minhas palavras, a sala de aula visitada.

Espero que esse capítulo também possa possibilitar que o leitor questione-se sobre o trazido e possa, assim como eu, se inquietar com as reflexões aqui apresentadas.

### 4.1 Sobre a aversão à desordem

Nessa subseção destaco o primeiro ponto recorrente na investigação que se refere à aversão dos alunos quanto à desordem. Com o grupo de alunos que participaram das conversas informais foi unânime o posicionamento aversivo a desorganização.

No momento da conversa, após mostrar a figura do ambiente desorganizado, vários alunos demonstraram perceber aquela situação como negativa para o personagem ali inserido. Trago aqui duas narrativas que confirmam essa afirmação.

Bá prô, tá bem ruim, ele não vai achar nada no meio dessa bagunça.

Esse guri é bem bagunceiro. Quando ele vai pra aula deve ir perdendo tudo pelo caminho

Mesmo com os alunos conversando tranquilamente fiquei bastante intrigada com as primeiras conversas que tive com as crianças, pois as narrativas eram muito pontuais quanto à negatividade da situação apresentada. Inicialmente me questioneei

se os alunos poderiam estar posicionando-se assim por estarem conversando com a própria professora, posteriormente compreendi que não, pois os alunos tinham diferentes argumentos para fazer tal posicionamento. Segue uma das justificativas dada por uma aluna quando a questionei sobre o que ocorreria se aquela bagunça fosse na nossa sala de aula:

Questionei a aluna: E se essa bagunça fosse na nossa sala de aula, o que tu achas que ia acontecer? A aluna responde: Ele ia ficar trancado tipo aquele dia que a Bianca ficou presa.

A aluna remeteu-se a uma situação ocorrida anteriormente para exemplificar a sua afirmação. Nessa situação, os alunos, que sentavam em trios, deixaram duas mochilas com rodízios no chão atrás das suas cadeiras. A aluna que sentava no meio dos colegas levantou para sair e ficou trancada. Essa por sua vez, ao tentar pular uma mochila, acabou caindo e machucou o joelho. Nessa aula conversamos sobre o espaço necessário entre uma mesa e outra e a necessidade de, em algumas tardes, deixar sua mochila no chão ao lado da mesa escolar para evitar atrapalhar a circulação dos colegas e assim buscando tornar o ambiente o mais confortável, agradável e facilitador possível para os alunos.

Como a imagem que retratava a desorganização foi compreendida pelos alunos como uma residência (já que tinha alguns mobiliários de um dormitório) questionei os estudantes sobre como o personagem da foto era na escola. Fiquei surpresa ao perceber a relação que alguns alunos fizeram do personagem da imagem com alguns colegas ainda não familiarizados com a organização dos seus artefatos escolares:

Eu questionei: E onde esse moço está? A aluna devolveu: Na casa dele. Questionei novamente: Por quê? A aluna respondeu novamente: Tem até umas roupas deles aí. Indaguei novamente: Como será que ele é na escola? A aluna se posicionou: Baaaaaaaaa tipo o Alex prô (risos). Solicitei: Explica melhor pra prô. A aluna atendeu: Não entrega uma atividade de fazer em casa e não traz nada pra sala.

Coitada de ti prô (risos)
---------------------------

Através desse excerto compreendi que alguns alunos ficam estereotipados como desorganizados/bagunceiros por ainda não estarem familiarizados com as práticas de sala de aula bem como a gerência dos seus materiais. A menina se refere a um colega da sala para exemplificar o sentido que a imagem desperta nela.

Esses alunos não familiarizados com as práticas escolares acabam se tornando um modelo de aluno que os demais colegas não pensam em seguir. Assim, são entendidos como não fazendo parte do jeito ideal de ser aluno e por isso acabam carregando esse rótulo.

As narrativas dos alunos sobre a imagem do ambiente organizado acabaram, de certo modo, evidenciando ainda mais os seus posicionamentos contra a desorganização, pois mostraram-se confortáveis com a imagem do ambiente organizado frisando que ele era favorável às suas aprendizagens. Quando uma aluna apontou que “é bom os alunos estarem em um ambiente ‘arrumado”” questionei:

<p>Tu achas bom os alunos se organizarem? A aluna respondeu: Acho, daí aprende a arrumar tudo em casa. Uma vez eu não achei o meu caderno de desenho porque eu não arrumei meu quarto. Eu questionei novamente: E o que tu fez pra achar ele? Ela respondeu: Fiquei um tempão tentando achar. Novamente questionei: E aqui na sala, tem alguma coisa que tu achas que a prô pode arrumar melhor pra ela ficar mais organizada? A aluna esclareceu: Acho que os cartazes podiam ficar tudo junto pra gente não olhar pra tanta coisa.</p>
--

Destaco como ponto marcante o apontamento de que é a partir da organização da sala de aula que os alunos aprendem a arrumar tudo em casa. Deste modo fica evidenciado que a aluna compreende o sentido da aprendizagem: Escola para casa e não o contrário. Considero este aspecto como de suma importância, pois, percebe-se que os alunos como um local de amplas aprendizagens e que essas repercutem no seu lar.

Além desta aluna fazer relações sobre o que acarreta a desorganização no nosso cotidiano ela exemplifica sua afirmação dizendo que perdeu seu material escolar pois o seu quarto estava desorganizado.

#### **4.2 O chão como extensão da mesa: Sobre os excessos de materiais dos alunos contemporâneos**

Partindo da ideia trazida no título deste capítulo elenco a seguinte cena descrita em meu Diário de Campo:

Olho para a aluna que senta na última fileira da direita na sala de aula e percebo a lancheira, pasta de folhas, sacola de tênis e caderno de tema no chão atrás da cadeira. Pergunto: O que é isso tudo aí? A menina responde: São as minhas coisas. Novamente indago: Mas porque tá tudo jogado desse jeito? A aluna justifica: Não cabe na mochila e aqui embaixo já tá tudo cheio (mostrando a parte de grade da mesa). Eu aponto: Mas não dá pra ficar desse jeito. O colega que senta do lado comentam: Eu já falei pra ela guardar tudo isso, mas ela não guarda. Eu sigo falando: Imagina se todo mundo colocar as coisas no chão da sala. Vitor comenta novamente: Vai virar um chiqueiro né prô (risos). Eu ajudei a aluna a guardar os materiais na mochila, mas seguidamente preciso retomar essas questões com ela.

Diário de campo, março de 2012.

Aquilo que parece natural aos olhos de professores dos Anos Finais – a organização dos alunos - é tido como foco dos professores dos primeiros anos dos Anos Iniciais, já que, em muitos casos, os alunos chegam à escola sem saber como segurar um lápis. Essa falta de conhecimento de quem trabalha com alunos “maiores” sobre esses fatos e sobre o processo de inserção dos alunos em novos códigos escolares ocorre justamente por que essas situações não fazem mais parte das vivências de sala de aula, pois os alunos “maiores” estão familiarizados com essas práticas.

A organização dos materiais é um ponto que precisa ser revisto com as turmas de alunos pequenos (eu diria principalmente Primeiros e Segundos anos) diariamente, chegando a ser exaustivo. Nesse sentido o fato de uma informação, a de que a mochila deve ficar atrás da cadeira, por exemplo, ter sido transmitida não pode ser entendido como compreendida. É através das ações diárias de temos a dimensão da sua noção sobre organização.

Ao longo dos anos que venho trabalhando como professora percebi que os alunos trazem cada vez mais materiais para a escola. Enquanto as gerações anteriores, principalmente dos avós dos alunos que hoje frequentam o Segundo Ano, dispunham de poucos materiais tais como lápis de escrever e pintar, borracha, cola, tesoura e caderno os alunos desta geração possuem um repertório de materiais muito maior.

Penso que, talvez, por essa maior quantidade de materiais os alunos acabam necessitando de ainda mais tempo investido nas aprendizagens relacionadas à organização com seus materiais. Com os alunos da turma pesquisada são até três estojos: uma para os vários lápis de escrever, para três borrachas e régua, outro exclusivo para as canetinhas e ainda um exclusivo dos lápis de cor. Além disso, carregam colas líquidas e bastões, canetas gel e carimbos. São diferentes cadernos (de aula, de tema e de bilhetes) e para comportar tudo isso uma mochila gigantesca. Já presenciei cenas onde a criança levantava e a cadeira virava para trás de tanto peso. Que caos!

Rodrigues (2004 p.31) aborda a questão do material escolar dos alunos:

Observo o tamanho das mochilas, Parece que quanto maior a sacola mais carga o alunos desloca para escola, necessitando em alguns casos de um “carrinho de carga”. Mochila em sala, o primeiro problema - onde colocá-las? As salas não estão projetadas para essa “pasta interativas do século XXI”. (...) os cadernos também “aumentaram” no tamanho (2cm x28cm). Os alunos aderiram aos grandes cadernos com suas capas atraentes, e as professoras aceitaram (?!!!). Enfim, as mesas não mudaram em tamanho, o número de alunos em sala de aula tem aumentado e o espaço da sala é o mesmo de anos atrás (ou será que diminuiu)?

O trecho acima citado apresenta pontos interessantíssimos para essa pesquisa justamente por apresentar toda essa atmosfera de sala de aula repleta de inquietudes. O modelo da mochila como um ‘carrinho de carga’ é frequente para os alunos pequenos. Não é para menos que os pais estão adquirindo as mochilas

desse tipo. É pensando na saúde dos filhos e impossibilidade de carregarem enormes mochilas nas costas que os pais fazem essa opção.

Nas observações realizadas em turmas da Educação Infantil durante o Curso de Pedagogia encontrei espaços nas salas onde ficavam ganchos para que os alunos tivessem um local para deixarem suas mochilas. Nos Anos Iniciais isso já não frequente, ao invés disso o aluno deixa a sua enorme mochila ao lado da cadeira ou pendurada nela.

Parece-me que os espaços vão diminuindo na medida em que os alunos crescem e é pensando nesse espaço restrito que levanto a questão da organização dos alunos em sala de aula. Será que o fato do espaço escolar ser um tanto quanto limitado não acarreta em uma “dificuldade” de trabalhar a questão da organização com as crianças? Parece-me que esse excesso de coisas escolares que os alunos levam para a sala de aula acaba dificultando a própria organização deles.

Nessa ótica, de sala de aula um tanto quanto conturbada com uma grande quantidade de materiais e espaço limitado para os alunos penso que as mochilas acabam ficando ao lado das classes para evitar que os alunos fiquem levantando o tempo todo. É mais uma forma de evitar a movimentação dos alunos na sala e de garantir o controle e disciplina. Sobre isso ROCHA (2000, p.3) afirma que:

A disciplina distribui os indivíduos no espaço, quadricula-os; localiza-os funcionalmente (os espaços devem ser úteis para permitirem maior rapidez, habilidade, vigor e constância); e posiciona-os na série, na linha, na coluna ou na fila. Para conseguir ter um resultado satisfatório, utiliza recursos para o "bom adestramento", tais como a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora (a penalidade) e o exame.

A mesma autora aponta que “a disciplina é um mecanismo, um dispositivo funcional, uma técnica que produz indivíduos úteis, não é uma instituição nem um aparelho”.

Retomo as ideias de Rodrigues (2004) para uma análise dos cadernos que também sofreram alterações, tanto nas suas capas estilizadas e atraentes quanto no seu tamanho. As questões de consumo se entrelaçam nesse aspecto visto que é através da influência da mídia que as crianças acabam fazendo suas opções quanto aos seus personagens favoritos e solicitam que os pais façam a aquisição dos artefatos que contemplam os mesmos. A mídia tem influenciado esse “mercado de produtos escolares” e através dela esses personagens se fazem presente nas salas

de aula. São cadernos com capas de cantores e personagens de desenhos, seriados ou mesmo brinquedos. Posso destacar alguns como *Barbie, Polly Pocket, Monster High, Ben 10, Justin Bieber, I Carly, Transformers, Hannah Montana*, entre outros<sup>4</sup>. Mesmo os alunos de Primeiros e Segundos Anos já não costumam utilizar cadernos pequenos (mesmo que sendo sugerido pelos professores na lista de materiais). Em seguida trago outra cena descrita no Diário de Campo:

Após passar a data no quadro circulo na sala para ver como os alunos estão indo e o andamento da cópia. Observo uma aluna com um estojo duplo do tamanho de um caderno grande aberto sobre a mesa fazendo a cópia do quadro. Eu pergunto para a aluna: E esse estojo na mesa? Ela responde: Minha mãe achou. Novamente oriento: Coloca ele em baixo da classe pra copiar a data direitinho. A aluna responde: Ah prô é que eu quero usar. Sugiro então: Não tem como colocar tudo em um estojo só? A aluna justifica: Mas ele já tá cheio. Reporto a aluna novamente: Então deixa ele sempre em baixo da mesa na hora de fazer as atividade. Se tu ficar copiando com o caderno no colo tua letra vai ficar toda torta. A aluna colocou o caderno em baixo da mesa e seguiu copiando

Diário de campo, março de 2012

Observo, pelo descrito acima, que alguns alunos acabam criando afeição pelos seus materiais. Por observar os alunos diariamente percebi essa estima pelo seu material quase que como se fosse um brinquedo, talvez pela própria questão de os mesmos terem um visual chamativo, eu diria até atrativo. Visualizei o cuidado que algumas crianças lançam sobre alguns artefatos escolares ou a dificuldade em emprestar o mesmo. Para uma melhor compreensão desta ideia trago outro trecho do diário de campo.

Após solicitar que os alunos realizassem uma atividade de recorte eu circulo

<sup>4</sup> Um dos aspectos importantes a serem discutidos na continuidade da pesquisa diz respeito à relação entre os materiais escolares e o consumo. Sobre o tema ver Momo (2007)

pela sala no intuito de acompanhar o trabalho e acabo me dando conta que uma aluna estava sem realizar o que foi proposto. Eu pergunto: Por que tu não estás cortando ainda? A aluna responde: É que eu não trouxe a minha tesoura. Eu oriento: Então tu tens que pedir uma emprestada. Não dá pra ficar assim sem fazer nada. Por que tu não pediste uma pra prô? Eu podia ter te emprestado uma tesoura da caixa de materiais coletivos.

Diário de campo, abril de 2012

No momento desta conversa, a colega que senta ao lado da aluna que estava sem realizar a atividade por não ter o material necessário, pegou a sua tesoura que estava sobre a mesa e quase ao lado da colega e ficou segurando quase escondendo o objeto. Essa relação de apego ao seu material fica evidente na situação acima descrita.

Há também, principalmente por parte das alunas, a preocupação em utilizar os diversos materiais que possuem: canetas gel, carimbos e adesivos. O caderno, além de servir como registro das aulas, tende a ser uma representação de si e dos seus gostos. É nele que os alunos podem utilizar todo aquele repertório de materiais que possuem tornando o caderno diferente dos demais. Ele funciona como o seu espaço. No momento da cópia da data algumas alunas questionam se podem “decorar a data”. Esse decorar nada mais é que enfeitar com as diversas canetinhas e canetas que possuem.

Nessa ótica de percebi que é preciso dialogar sobre o que precisamos para cada momento de aula, de modo que os alunos tentem focar no necessário para o “agora” e para que o excesso de material não tire de foco o objetivo da aula. Esse trabalho fica compreensível para os alunos através do uso do “Roteiro de aula” (nada mais é que um combinado do que ocorrerá durante o tarde). Nesse sentido eu busco manter um diálogo com os alunos: Precisamos das canetinhas agora ou elas podem ficar na mochila? Qual caderno vai usar? É o de aula? Então o de tema e o de bilhetes fica na mochila. O que pode ser deixado embaixo da mesa? Precisa da garrafa de suco e mais a de água na mesa? E esse pote vazio do lanche, já pode ser guardado? Ele pode ficar na mochila agora? Esses questionamentos, aos poucos, vão fazendo com que os alunos reflitam e se deem conta que há momentos

que usam determinados materiais e outros momentos é mais adequado utilizar outros objetos.

Partindo do pressuposto de que nem todas as crianças frequentaram a Educação Infantil trago a ideia de que é necessário ensinar os alunos a serem alunos, a organizar-se como seus pertences, a perceberem que é necessário a ordem em sala de aula.

### **4.3 O caderno escolar como um artefato escolar de destaque**

Tendo a escola onde leciono como ponto de partida (que tem uma proposta de alfabetização já no Primeiro Ano) posso afirmar que quando os alunos chegam ao Segundo Ano do Ensino Fundamental já estão concluindo o seu processo de alfabetização. Desta forma o uso do quadro e do caderno se torna mais frequente que no Primeiro Ano.

O uso do caderno em conjunto com o quadro verde como recursos pedagógicos não são tão simples de serem usados quanto parecem. Se para nós adultos parece usual transmitir o que está no quadro para o caderno, para alunos que ingressaram na escola há pouco tempo não é. É um processo de aprendizagem (e muitas vezes longo) fazer a transposição do que está a sua frente (em tamanho grande) para o caderno (em tamanho pequeno) é uma tarefa que envolve raciocínio, noção espacial e coordenação motora.

Jean HÉBRARD (2001, p.115) possui um interessante estudo sobre cadernos escolares. Sobre o uso deles aponta que os mesmos têm outras possibilidades além do registro de aula.

O aluno descobre aí não somente como ordenar o espaço bidimensional próprio à ordem gráfica, mas também como, pela escritura, dominar o tempo de seus trabalhos e de seus dias. Misturando ao texto esquemas, figuras e mesmo imagens, ele se dá os meios de dispor de um instrumento próprio a organizar a enciclopédia de seus conhecimentos.

Inspirada por HÉBRARD (2001) ressalto a importância e significação do caderno escolar para os alunos. Compreendo como algo além de um mero suporte, ou seja, o percebo como um espaço de sistematização de conhecimentos e de (re) encontros com o que foi proposto em sala de aula. É um espaço do aluno, onde ele

se enxerga. Diria que em alguns momentos é o local onde ele pode mostrar as suas potencialidades, sua capacidade de fazer.

Compreendo que o começo da utilização do caderno traz conturbações, pois as crianças ainda estão compreendendo a maneira de usá-lo e isso requer atenção e dedicação do professor. Em um dos primeiros dias de aula expliquei que diariamente os alunos copiariam a data do quadro composta por dia, mês, ano, dia da semana, e definição do clima. Descrevi o ocorrido no Diário de Campo:

Iniciei a escrita no quadro e vários alunos vieram me questionar sobre onde deveriam iniciar a cópia. Vi que eram poucos alunos que tinha a noção de onde começar a copiar no caderno, da linha inicial da folha e frente e verso da folha. Pedi que eles deixassem a primeira folha do caderno em branco, pois eu traria uma surpresa na próxima aula. Fui passando de mesa em mesa marcando a linha onde deveriam iniciar a cópia da data com um coração. Seguimos a aula. Não houve desespero por parte dos alunos. Eles ficaram seguros com essa prática.

Diário de campo, março de 2012

Principalmente no primeiro mês desse ano letivo em que realizei a pesquisa ocorreram diversas situações interessantes para essa investigação que envolviam o uso do caderno. Mais do que em outros períodos do ano os alunos pequenos cuidam para deixá-lo o mais “caprichado” possível. São recorrentes os questionamentos: *Né que tá bonito prô?* E como a motivação é fundamental para que eles continuem interessados em deixar esse artefato organizado a prô responde: Nossa! Tá um luxo esse teu caderno! As crianças saem satisfeitas. Há também os pedidos de parabéns. Quando uma proposta é concluída alguns alunos pedem para que eu coloque um “parabéns”. Segundo eles “deixa o caderno mais bonito”.

Quanto à situação anteriormente descrita, penso foi de maneira tranquila e com confiança que pude estabelecer com os alunos um “elo” e demonstrar que a escola é o local onde podem se aprender diferentes coisas e que nem todos sabemos tudo. Um posicionamento de rispidez e cobrança frente a essa situação poderia suscitar que quando se chega à escola já se deve saber ser aluno. Poderia então, ser desencadeado uma relação de desconfiança onde as crianças se

sentissem inseguras a questionar o professor sobre aquilo que ainda não está apreendido e concluíssem que a escola não é o seu lugar.

Percebendo essa situação descrita na cena anterior pedi que os alunos deixassem a primeira folha do caderno em branco que na tarde seguinte eu traria uma surpresa. Nesse dia ocorreu o seguinte:

Mostrei uma “Folha de rosto” para que colassem na primeira página dos cadernos que eu havia pedido para deixar em branco. Uma era com a frase “Meu caderno de aula” e a outra “Meu caderno de tema”, ambas continham um desenho. Durante a pintura dos desenhos da folha de rosto um aluno me falou: Bá prô que boa essa capinha porque a capa dos meus cadernos são iguais!!. Fiquei satisfeita.

Diário de campo, março de 2012

A escola onde trabalho prevê que todos os alunos tenham uma agenda (ou caderno de bilhetes como alguns falam). Eu solicito, na lista de materiais, dois cadernos – um de aula e outro de tema. Prefiro separar assim, pois desta maneira posso corrigir as tarefas de casa enquanto os alunos fazem outra atividade no caderno de aula. Na situação acima descrita apresento que busquei de alguma forma organizar o material dos alunos, facilitando o uso dos mesmos. Simples atitudes do docente podem auxiliar os alunos nos seus processos de inserção dos novos códigos escolares.

Apresento outra cena do Diário de Campo envolvendo o uso do quadro e o caderno.

Após colocar a data no quadro e fazer a leitura de um texto em folha, solicitei que os alunos copiassem do quadro uma atividade relacionada ao texto anteriormente trabalhado. Era um “responda” (atividade de interpretação sobre o texto trabalhado).

Dividi o quadro em 3 partes iguais e iniciei a escrita. Devido ao espaço a última palavra de pergunta precisou ser escrita na linha de baixo. Posteriormente,

passando nas mesas para olhar os cadernos dos alunos me deparei com vários deles com uma cópia fiel a do quadro. Alguns alunos passaram para a linha de baixo mesmo tendo espaço para continuarem copiando.

Diário de Campo, março de 2012

Houve no descrito acima, por parte dos alunos, uma sensação de confiança sobre a sua prática. Uma satisfação por ter copiado a atividade do jeito que a professora dispôs no quadro. Isso possibilita a reflexão sobre a representação da docente para esses alunos que estão ingressando nas escolas. Para algumas crianças a professora é tida como um modelo a ser seguido e deste modo o que ela escreve no quadro precisa ser seguido à risca também.

Quando me deparei com o modo que quase toda a turma copiou as atividades do quadro percebi que teria que intervir de algum modo para que essa situação deixasse de ocorrer. Primeiramente conversamos sobre o ocorrido. Surpreendi-me com diversos alunos mostrando-se seguros de terem feito as atividades fidedignas à da professora. Fui conversando com a turma e apontando previamente: *A prô vai pra linha de baixo, mas se no caderno ainda tiver espaço pode continuar*. Penso ser importante rever essas situações com a turma, pois na medida em que não é buscado solucionar problemas relacionados à organização da sala de aula e dos alunos eles acabam perdurando.

Foi nesse sentido de facilitar a compreensão dos alunos e de buscar manter uma ordem que decidi pintar no quadro as linhas que as crianças deveriam ser pintar (ou “pular”) no caderno. Essa prática organizou o material dos alunos. Sei que o que fez o caderno ficar visualmente mais organizado não foi a professora em si, mas uma prática proposta por ela no sentido de facilitar o trabalho. Mesmo alguns alunos não pintando as linhas sabem que devem ao menos pulá-las.

No início do ano, quando estabeleci essa prática de pintar as linhas no quadro uma aluna disse que “assim ficava fácil de ler as coisas”. Essa é a proposta, pois ele é o local de registro de muitas atividades realizadas em aula. Deste modo quando ocorrem retomadas de atividades feitas em dias anteriores ou quando os alunos (re) visitam este local a leitura fica fácil e se torna mais atrativa.

#### **4.4 Prô, eu já sei fazer sozinho: Alunos já familiarizados com as práticas escolares que envolvem seus artefatos escolares**

Outro ponto que merece destaque neste escrito e que, de certa maneira, traz uma ideia de fechamento deste bloco, é o indício de que o aluno já está familiarizado com esses novos códigos escolares.

O processo para inserir os alunos nesses novos códigos escolares demanda constantes ações dos professores e dos próprios alunos. As crianças fazem diversas tentativas de modo a irem se adequando e se subjetivando até que estejam familiarizados e se percebam como aluno.

É sabido que no Primeiro Ano os alunos são, de certa forma, muito mais dependentes da professora que nos seguintes. O professor acaba desempenhando esse papel, pois os alunos ainda não estão familiarizados com essas práticas ou por considerar os alunos muito pequenos.

Penso que, diferente de décadas atrás, não haja tanta preocupação por parte das famílias em preparar os alunos para entrarem na escola regular (Primeiro Ano dos Anos Iniciais). Alguns alunos que frequentaram a Educação Infantil trazem uma “bagagem” da mesma para a escola regular.

Todas as investidas feitas pelo professor visam auxiliar a criança a se constituir como um sujeito-aluno. A colagem do bilhete na agenda é um exemplo que esclarece essa ideia de processo de aprendizagem envolvido nas práticas escolares. Como ilustração desta afirmação trago o seguinte excerto do Diário de Campo:

Após ter recebido um bilhete da equipe diretiva da escola solicitei que uma aluna entregasse os mesmos para os demais colegas. Para garantir o sucesso desta colagem fui verificando de mesa em mesa como ela se encaminhava. Ao ver que um aluno ainda não havia concluído o solicitado me mostrei pronta a ajudar: Quer que a prô cole pra ti? Ele respondeu imediatamente: *“Não precisa prô! Eu sei fazer sozinho! Só to esperando a cola do Bruno”*

É pelo evidenciado no excerto que afirmo que se ao chegar à escola os alunos (de Primeiro Ano) se sentem seguros com o papel desempenhado pela professora no sentido de auxiliar na gerência dos seus materiais, nos anos seguintes esse sentimento dá lugar ao desejo pela autonomia e por ser responsável por essa gerência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do percurso desta investigação posso dizer que ela é uma pequena amostra da atmosfera complexa da sala de aula e da relação que os alunos estabelecem com seus artefatos escolares.

Ainda que repleta de achados interessantes compreendo que essa pesquisa de abordagem qualitativa e que se caracteriza por um estudo de caso se refere a uma realidade específica. Mesmo com essa delimitação do trabalho percebo que ele contempla uma temática pouco abordada e muito interessante.

E agora, finalizando este trabalho, percebo que essa temática possibilitou trazer à tona ainda mais achados que eu pensava poder encontrar. Esse “miúdo” da sala de aula, aquilo que parece imperceptível, pequeno, trivial, natural, carrega um leque de significados e sentidos que precisam ser desnaturalizados e discutidos para que se tornem pontos de destaque para aqueles que estudam o ambiente escolar.

Propus um estudo que buscou problematizar as aprendizagens dos alunos que não se referem aos conteúdos que a escola dá visibilidade (leitura, escrita, cálculo...). Busquei analisar outras aprendizagens que também são fundamentais para a constituição dos sujeitos-alunos e que neste trabalho abordei como não formais.

Através dos instrumentos escolhidos para esta investigação – observações e conversas informais – foram gerados dados que possibilitaram a criação dos eixos de análise dos pontos de destaque. Em um período curto de tempo foi possível evidenciar “achados” sobre a relação que os alunos estabelecem com o vasto repertório de artefatos escolares que é usado nas escolas.

Inicialmente pude constatar que os alunos demonstram aversão à desordem e que os alunos ainda não familiarizados com a organização dos seus materiais acabam carregando um estereótipo de um “modelo a não ser seguido”, não fazendo parte do modelo ideal de ser aluno. Os alunos apontaram a organização da sala de aula como sendo um ponto positivo e a favor das suas aprendizagens. As crianças afirmaram que ela auxilia a sua própria organização.

Os alunos ainda não familiarizados com a organização dos seus artefatos escolares tentam, de algum modo, buscar solucionar problemas a eles relacionados,

de modo a irem se adequando ao espaço onde estão inseridos, fazendo tentativas de acordo com a lógica infantil e as combinações da professora.

Pude evidenciar que os artefatos escolares carregam múltiplos sentidos. O caderno tem lugar de destaque no ambiente escolar visto que além de ser um suporte onde são registradas as aprendizagens ele é um local de “enciclopédia dos conhecimentos”. Ele ainda carrega os gostos dos alunos no sentido de que é adornado pelos personagens favoritos e cores que prefere. A questão do consumo ficou evidente neste aspecto. Pude compreender que o repertório de artefatos que os alunos trazem para a escola vem aumentando e que as crianças estão se constituindo como alunos em meio a essa transformação. Analisei com vão se dando essas aprendizagens e a maneira como ao longo desse processo os alunos vão se subjetivando as práticas escolares e vão se constituindo como sujeitos-alunos

Considerarei este trabalho desafiador, pois, ele me proporcionou novos conhecimentos e para construí-lo aprofundei meu estudos. Pude, ao longo da construção do mesmo compreender algumas das relações que permeiam os alunos e seus artefatos escolares. Fica a vontade de aprofundar ainda mais e de dar continuidade a essa abordagem.

Acredito que a escola veio se constituindo como um lugar que, sobre tudo, possibilita a aquisição de conhecimentos tais como a leitura, a escrita, o cálculo. No entanto, ela não deve se restringir a isso, ela é um local de diversas aprendizagens.

O professor dos Anos Iniciais tem um papel fundamental na constituição dos sujeitos-alunos visto que os auxilia a irem se adequando às práticas escolares. É nesse período escolar que se dá uma maior visibilidade a essas outras aprendizagens, pois, nos Anos Finais elas já são tratadas como naturais.

Nesse sentido penso que seria interessante dar visibilidade a organização como um conteúdo escolar para que os alunos pudessem avançar nesse sentido pois, da mesma forma que os professores propõem atividades de leitura e escrita para que os alunos desenvolvam esses aspectos as questões de organização deveriam, ao meu ver, ser contempladas de maneira efetiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU JR., Laerthe de Morais. **Apontamentos para uma metodologia em cultura material** escolar. Pro-Posições. Campinas, SP: Unicamp, v.16, n.1 (46), p. 145-164, jan./abr. 2005.

ABREU JR., Laerthe de Morais. **O dedo mindinho de Humberto de Campos: Micro-memórias das práticas escolares da educação brasileira do final do século XIX**. Revista Trajetos. Fortaleza: UFC, vol. 7, n. 13, 1º sem. 2009.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BASSI, Adélia Carolina. **Índicos de práticas educativas em um caderno de caligrafia do grupo escolar “João dos Santos”(SÃO JOÃO DEL-REI, 1939-1940)**. Universidade Federal de São João del-Rei, 2011.

BRASIL, LDB. **Lei 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em <www.mec.gov.br>. Acesso em: 3 jun 2012.

GIMENO, Sacristán, Jose. **O aluno como invenção**. Trad. Daisy Vaz de Moraes. Editora Artmed, 2005.

GIORDANI, Bruna. **Normas escolares e seus efeitos produtivos**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Ano. 38p. Trabalho de Conclusão de Curso, Pedagogia

HÉBRARD, Jean. **Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França - séculos XIX e XX)**. Revista Brasileira de História da Educação. Campinas: Autores Associados, n.1, p.115 -142, jan./jun. 2001.

JULIA, Dominique. **“A cultura escolar como objeto histórico”**. In: Revista Brasileira de História da Educação. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, p. 9 – 43, Jan./Jun. 2001.

LUDKE, Menga; e ANDRÈ, Marli. Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1988.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Janelas indiscretas: Os cadernos escolares na historiografia da educação.** In: VIDAL, Diana Gonçalves; SCHWARTZ, Cleonara Maria (Org.). História das culturas escolares no Brasil. Vitória: EDUFES, 2010, p. 425-446.

MOMO, Mariangela. Mídia e consumo na produção da infância pós-moderna que vai à Escola. Programa de Pós-Graduação em Educação - UFRGS: Porto Alegre-RS, 2007 (Doutorado em Educação).

ROCHA, Cristianne Maria Famer. O Espaço Escolar em Revista. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Estudos Culturais em Educação: Mídia, Arquitetura, Brinquedo, Biologia, Literatura, Cinema, Porto Alegre: UFRGS, 2000.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. **ESPAÇOS ESCOLARES: Nada fora do controle.** 23 Reunião da ANPED – 24 à 28/09/2000. Caxambú, MG. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1202t.PDF>. Acesso em 10 de julho de 2012.

RODRIGUES, Maria Bernadette Castro. **Inclusão, humana docencia e alegria cultural como finalidades da prática pedagógica.** IN: ÁVILA, Ivany Souza (Org.) Escola e sala de aula mitos e ritos: um olhar pelo avesso do avesso. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola?** In: ALVES-MAZZOTTI, Alda et alii. Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. Rio de Janeiro: DP/A, 2000. p.9-20.

XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas. **Os incluídos na escola: o disciplinamento nos processos emancipatórios.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese.